

política

similar às redes em 2018, avalia Silvana

Perfil



FOTOS: GABRIEL SILVA/JC

Silvana Krause é natural de Santa Cruz do Sul. É graduada em Ciências Sociais pela Pucrs, tem mestrado em Ciência Política pela Ufrgs e doutorado em Ciência Política pela Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt, da Alemanha. É professora associada da Ufrgs e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, com ênfase em partidos políticos e estudos eleitorais. Integra o conselho consultivo do projeto Barômetro da Lusofonia/Ipespe, da Abrapel (Associação Brasileira de Pesquisadores Eleitorais), dos conselhos

editoriais da Revista Sociedade e Cultura, da Revista Debates e do Em Debate (Portal de Opinião Pública). Foi consultora do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), no Grupo de Trabalho de Sistematização das Normas Eleitorais. Em 2025, foi Fellowship do Programa Mare Balticum da Universidade de Rostock/Alemanha e também já atuou como pesquisadora visitante na cátedra de Política Comparada e Sistemas Políticos na Julius Maximilian Universität/Alemanha. Atualmente é integrante do projeto Probal (Programa Brasil/CAPEs e Alemanha/DAAD).

em 2018 e a inteligência artificial em 2026?

Silvana - Acho que tem um problema também sobre esse impacto, que é a credibilidade do Poder Judiciário. Infelizmente os ataques ao Judiciário, ao sistema eleitoral brasileiro, ao sistema de votação, fragilizam. E isso, claro, cria, vamos dizer assim, um clima de campanha em que nada é mais crível, nada é legítimo. E aí você tem um espaço muito maior para a inteligência artificial entrar e convencer. Quanto mais as instituições políticas forem fragilizadas e não críveis, a minha intuição como cientista política diz: maior a tendência da inteligência artificial, então, ser mais crível. Essa é a minha intuição de cientista política. Então, é horrível isso, porque isso cria uma desconfiança geral. Quando você tem insegurança, desconfiança geral, você prefere, então, olhar só para dentro de

si e daquilo que você crê. Aí vai para a crença.

JC - E o voto, que já é impactado por questões emocionais, caminha ainda mais neste sentido...

Silvana - Ele vai para a emoção, e isso todos os estudos estão mostrando, tanto nos EUA, que o eleitor, cada vez mais, tem pesado muito a variável emocional. E a emoção é jogada na campanha.

JC - Há diferença desse apelo emocional entre as eleições proporcionais e as majoritárias?

Silvana - Uma eleição majoritária, ela exige o quê? Maioria. Claro, em contextos de radicalização, você tem uma perspectiva maior de um candidato radical ganhar uma majoritária. Numa eleição majoritária, e isso o PT aprendeu muito bem, você tem que caminhar para o centro. Um candidato para majoritária tem chances quando ele vai mais

ao centro, porque daí ele agrega mais (eleitores). Isso é uma lei da Ciência Política. Veja o Lula em 2002: o 'Lula paz e amor' surge em 2002. E ele não constrói um governo petista, não tem como. Do meu ponto de vista, nunca tivemos um governo petista; tivemos um governo de coalizão com uma hegemonia do PT, e não é o governo do PT... Tem que ter muito cuidado. Então, em eleição majoritária, a chance de um candidato, quando o contexto é de uma radicalização, como estávamos vivendo em 2018, de antissistema, de antipartido, aí consegue um candidato radical ganhar 50%. A tendência é essa.

JC - E em 2022 observa que a radicalização teve menos força que em 2018 ?

Silvana - Em 2022 a coisa já mudou. O que o Lula teve que fazer para ganhar a eleição? Teve que se juntar com um cara que ele competiu para Presidência

(o vice-presidente Geraldo Alckmin, PSB). Ou seja, Lula conhece a engenharia política. Se ele não quer governar, ele vira um partido de oposição eterna e também não tem problemas, mas ele quer, o PT quer governar, e acredita nisso. Então, ele chama de um frentão.

JC - E o candidato da direita, Flávio Bolsonaro, tenta emplacar uma imagem de mais moderado que o pai...

Silvana - É. E o Flávio (Bolsonaro, PL) tenta, mas não está conseguindo, um discurso mais ameno, porque ele precisa daquele eleitor para uma maioria. Se o contexto fosse outro, tudo bem. Hoje o contexto não é mais esse de 2018. Você tem (hoje) um contexto de fragilização do bolsonarismo, e aí entra essa variável para explicar porque bolsonaristas estão buscando um discurso brando para conseguir chegar onde querem. Não estou discutindo se isso é legítimo ou não; é assim que funciona. É interessante destacar, porque em 2018 ninguém tinha um discurso moderado. Isso convenceu e, por inúmeras razões, em 2022, não. E agora estamos num outro contexto. Num contexto, além de o Lula estar no governo, que ele é o incumbente, que é uma variável que não pode ser desprezível, mas tudo está indicando uma fragilização do bolsonarismo. Da liderança Bolsonaro, família Bolsonaro. Então, lideranças regionais, estaduais, que se alinham à perspectiva do PL ou bolsonarismo, como queira, percebem isso. Têm as suas pesquisas, sabem. Então, esse discurso de 2018 não vai servir.

JC - E avalia que se abre espaço para a chamada terceira via quebrar a polarização?

Silvana - Eu não gosto dessa palavra (polarização), e já falei várias vezes sobre isso. Primeiro, qual polarização? Polarização pode ter vários tipos. E quando a gente analisa as pesquisas de opinião, as que a gente tem disponibilidade de olhar, não é uma polarização ideológica. Primeiro, é a percepção do próprio eleitor, onde ele se classifica. Aí me pergunto: ele sabe o que é esquerda, o que é centro, o que é direita? Não sabe, com todo o respeito ao eleitor brasileiro. Então, quando você pergunta para o eleitor nessas pesquisas de opinião onde você se classifica no

espectro ideológico, de 0 a 10 - 0 é esquerda, 10 é direita? O eleitor ali, mesmo com o limite de que ele não sabe o que ele é - ele não tem instrumentos para isso -, é muito interessante de ver a dispersão, e o eleitor que não é nem lulista, nem petista, não se classifica como esquerda do ponto de vista dele, e também tem um perfil significativo que não é nem bolsonarista, mas é de direita, que é diferente, e você tem ali no meio um perfil muito significativo que ou não se classifica ou se autocalifica como centro. Então, terceira via do quê? O Lula já criou uma terceira via. Sinto muito, desde 2002. Por que eu estou dizendo isso? Agora, a estratégia da extrema direita ou da ultradireita é dizer que não, e aí o eleitor não tem ferramenta para isso. O Lula já é a terceira via, em que sentido? Não só porque ele não é meramente só o PT, mas o próprio PT não é um partido de esquerda, comunista, como a extrema direita vende. Desde a sua fundação, na época do movimento sindical, lá em 1979, 1980, perguntaram para ele (Lula): você é o quê? Comunista, marxista? Ele falou: não sei isso, eu sou um operário que quer ter um partido dos trabalhadores. Então, a terceira via, em que sentido? Quando se fala aqui em terceira via, é a opção de alternativa em relação a duas candidaturas com capacidade eleitoral para chegar no segundo turno. Aí eu entendo que é terceira via.

JC - Não é uma terceira via programática...

Silvana - Não ideológica, não programática, não tem nada a ver. E aí, existe uma polarização eu diria que afetiva, emocional, que é outra coisa. E como é que se observa isso? Isso não é só no Brasil. Quando a gente olha nos Estados Unidos, e outras eleições de outros países, você tem um eleitor que, principalmente nas eleições presidenciais, de cargos majoritários, cada vez mais não vota naquilo que ele mais deseja; ele vota naquilo que ele menos rejeita. E quando você tem um eleitor que decide por um candidato que ele menos rejeita, já vai ter problema para aquele presidente (eleito) de legitimidade. Já tem um grau de rejeição muito grande. E, além disso, alguém votou nele não porque gostava dele, mas porque foi aquele que menos rejeita.